

EDIÇÃO 133

Editorial

News

Itinerâncias

Projectos

Entrevista

Design

Artes

Crítica

Opinião

Livros

Materiais

IN/ Outdoors

Acadêmicos

Geração Z

Dossier

Artes

por: David Santos

Pesquise aqui

Pesquisa ENVIAR

Pesquisa avançada

Ana Pérez-Quiroga

A recoleitora compulsiva, o colecionismo e os museus



O quarto capítulo de "Bouvard e Pécuchet" (1881) - derradeiro, irónico e inacabado romance de Gustave Flaubert - traduz de modo peculiar a mais radical caricatura sobre uma das maiores obsessões da humanidade: colecionar objetos do passado para resgate da nossa identidade. Por entre o diletantismo de quem busca sem nexos o santo graal do conhecimento, os dois protagonistas desta história lançam-se no mais absurdo exercício de Sísifo, adaptado à era do racionalismo positivista e do saber enciclopédico: "Seis meses mais tarde tinham-se tornado arqueólogos; e a casa deles parecia um museu [...] No lambrim em ângulo reto o busto a pastel de uma dama vestida à Luís XV emparelhava com o retrato do pai Bouvard. A moldura do espelho tinha como decoração um sombrero de feltro preto e uma monstruosa galocha cheia de folhas, os restos de um ninho. Em cima da chaminé dois cocos (pertencentes a Pécuchet desde a sua juventude) ladeavam um barril de faiança cavalgado por um camponês"¹. O ato de colecionar possui aqui a expressão do excesso, a vertigem caótica de uma época determinada em "ordenar o bric-à-brac", como nos lembra Douglas Crimp². Flaubert despede-se assim em ataque aberto à frivolidade da burguesia finissecular, ao mesmo tempo que nos transporta, a cada releitura, para alguns sintomas da nossa contemporaneidade, talvez indissociáveis, afinal, da própria natureza humana.

Esta leitura entre o passado e o presente parece-nos ainda adequada ao diagnóstico sobre o colecionismo igualmente particular e obsessivo de Ana Pérez-Quiroga, uma das artistas que mais tem aprofundado a discussão sobre a compulsividade de colecionar no âmbito da hibridiz contemporânea, apesar da ainda prevalecente dominação museológica na produção de sentido. A diferença fundamental entre a denúncia de Flaubert e a orientação ambivalente da artista portuguesa é que esta não procura já a matriz de uma hipotética identidade, mas apenas a partilha do sentimento difuso a que a cientificidade nos conduziu, como se a sua relativização pós-moderna apontasse finalmente a impossibilidade de um conhecimento absoluto ou, no mínimo, estável, mantendo porém o hábito e a necessidade de prosseguir a tarefa (agora sem objetivo

definido) de reunir e catalogar a materialidade desse bric-à-brac que nos cerca. Na verdade, quando pensamos na sofreguidão de Bouvard e Pécuchet em torno da miríade de objetos e valores culturais que povoavam o seu mundo sedento de significado e progresso não podemos deixar de pensar nas taxonomias e outras ordenações decetivas que envolvem desde há anos a prática criativa de Pérez-Quiroga. Reiterando essa ancestral "vertigem das listas"³ analisada por Umberto Eco de modo detalhado - recordando-nos que o sonho de toda a ciência e filosofia, desde a Grécia Antiga, foi conhecer e definir a essência das coisas, isto é, listá-las, identificá-las pela base - Pérez-Quiroga assume todavia a sua quase patológica dependência das listas, da enumeração ao registo mais ou menos sistematizado a partir de critérios individuais que só no plano da arte poderão ser dados a conhecer e partilhar.

(...)

Mai 2013

Outros artigos em Artes



NOTAS SOBRE HIBRIDAÇÃO ENTRE ARTE E ARQUITETURA, A PARTIR DA PRODUÇÃO DE ADRIANO CARNEVALE DOMINGUES

Nas relações estabelecidas na tríade homem-arte-arquitetura, que estão em constante mutação, discursos são produzidos a partir de análises críticas e são gritos para mudanças. Se o direito à cidade está...

Mar 2019



MUSEUS E COLEÇÕES, HISTÓRIA, RAZÕES E EMOÇÕES

Gosto de museus. Pela sedução que operam sobre mim e pelos problemas que colocam. Os espaços que guardam coleções, que as preservam, estudam e mostram, dando-nos a ver o insuspeitado,...

Dez 2018

Arquivo de Artes